

DOSSIÊ TEMÁTICO
Esporte, Lazer e Educação

**A indisciplina nas aulas de um programa esportivo social: a
visão de coordenadores e monitores**

The indiscipline in the classes of a social sports program: the
look of coordinators and monitors

La indisciplina en las clases de un programa social del deporte: la
mirada de los coordinadores y monitores

Ariadne Regina Amorim Baicere
Centro Universitário de Várzea Grande – Brasil

Raquel Stoilov Pereira
Centro Universitário de Várzea Grande – Brasil

Evando Carlos Moreira
Universidade Federal de Mato Grosso - Brasil

Resumo

Este artigo teve como objetivo identificar como coordenadores e monitores de um programa esportivo social lidam com a indisciplina dos alunos durante as aulas. Esta pesquisa descritiva com abordagem qualitativa ocorreu em 15 dos 30 núcleos do Programa Segundo Tempo no município de Cuiabá, Mato Grosso. Participaram desta pesquisa 13 coordenadores e 29 monitores desses núcleos.

Como instrumento de pesquisa elaborou-se um questionário destinado aos coordenadores e monitores. Dentre as constatações desta pesquisa, destacamos que 46% dos coordenadores e 48% dos monitores disseram que se deparam com a indisciplina durante as aulas, sempre ou na maioria das aulas. Além disso, 35,14% dos coordenadores e 26,14% dos monitores apontaram as brigas entre os alunos como uma das situações de indisciplina mais presentes durante as aulas. Destacamos ainda que 52,38% dos coordenadores e 65,63% dos monitores lidam com a indisciplina desses alunos a partir do diálogo.

Palavras-chave: Programa esportivo social. Indisciplina. Monitores e coordenadores.

Abstract

This article aimed to identify how coordinators and monitors of social sports program cope with the indiscipline of the students during class. This descriptive study with qualitative approach occurred in 15 of the 30 centers of the “Segundo Tempo” Program in the city of Cuiabá, Mato Grosso. In this study participated 13 coordinators and 29 monitors these centers. As a research tool elaborated a questionnaire for coordinators and monitors. Among the findings of this research, we emphasize 46% of the coordinators and 48% of the monitors said they are stumbling to the indiscipline during class, always or most of them. Also, 35.14% of the coordinators and 26.14% of the monitors pointed the fights between students as one of the situations of indiscipline more present during the classes. We also point out that 52.38% of the coordinators and 65.63% of the monitors cope with the indiscipline of students from the dialogue.

Keywords: Social sports program. Indiscipline. Monitors and coordinators

Resumen

Este artículo tiene como objetivo identificar como coordinadores y monitores de un programa social del deporte tratan la indisciplina de los alumnos durante la clase. Este estudio descriptivo con enfoque cualitativo se produjo en 15 de los 30 centros del Programa “Segundo Tempo” en la ciudad de Cuiabá, Mato Grosso. En este estudio participaron 13 coordinadores y 29 monitores de estos centros. Se elaboró un cuestionario para los coordinadores y monitores como una herramienta de investigación. Entre los resultados de esta se destaca el 46% de los coordinadores y el 48% de los monitores dijeron que se enfrentan a la falta de disciplina en clase, siempre o la mayoría de las clases. También, 35.14% de los coordinadores y 26,14% de los monitores mostraron las luchas entre los estudiantes en clase como una de las situaciones de indisciplina más

regalos. Também señalamos que el 52,38% de los coordinadores y 65,63% de los monitores resuelve la indisciplina de estos estudiantes com el diálogo.

Palabras clave: Programa social del deporte. La indisciplina. Monitores y coordinadores.

O Programa Segundo Tempo e a Indisciplina

PST: breves considerações

Um programa esportivo social surge a partir do desejo de pessoas, organizações, governamentais ou não-governamentais, em mudar realidades que mostram as condições de vida e o desenvolvimento das pessoas (MELO; DIAS, 2009).

Criado em 2003, o Programa Segundo Tempo (PST) é um programa estratégico do governo federal brasileiro que tem por objetivo levar a prática e cultura do esporte às crianças, adolescentes e jovens que se encontram em áreas de risco social, promovendo o desenvolvimento integral, de maneira planejada, inclusiva e lúdica. (GAYA, 2008; FILGUEIRA; OLIVEIRA; PERIM, 2009).

Interessante destacar os apontamentos de Melo e Dias (2009) quando afirmam que o PST, por meio das iniciativas governamentais, demonstra que o esporte pode mudar a realidade local apresentando reflexões críticas sobre os vários contextos de riscos sociais, diminuindo o tempo de exposição de crianças e jovens aos efeitos prejudiciais da violência, dos desajustes familiares, do tráfico de drogas, das carências alimentares, da falta de afeto, entre outros tantos elementos que convergem para piorar a dignidade humana.

O esporte educacional na ótica do Programa Segundo Tempo (PST) “tem como finalidade o desenvolvimento de valores sociais, a melhoria das capacidades físicas e habilidades motoras, a melhoria da qualidade de vida (auto-estima, convívio, integração social e saúde), diminuição da exposição aos riscos sociais (drogas, prostituição, gravidez precoce, criminalidade, trabalho

infantil) e a conscientização da prática esportiva, assegurando o exercício da cidadania”. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2007, p. 3 apud GAYA, 2008, p. 11).

Instituições públicas e privadas, sem fins lucrativos, estabelecem parceria institucional com o Ministério do Esporte e propõem a implantação de Núcleos de Esporte Educacional (NED), a partir da formação de convênio entre as partes. (GAYA, 2008).

De acordo com o Ministério do Esporte (2010) os NED's são constituídos por um grupo de 100 crianças, adolescentes e jovens de 7 a 17 anos, um coordenador de núcleo e dois monitores, que desenvolvem atividades esportivas no contraturno escolar¹, tendo cada um dos recursos humanos a responsabilidade de cumprir 20 horas semanais de trabalho. Os núcleos devem oferecer duas modalidades esportivas coletivas e uma individual, no mínimo três vezes por semana e duas horas diárias, ficando a cargo dos convênios/ núcleos a escolha da modalidade que oferecerão de acordo com as necessidades das crianças e espaço físico disponível.

Vale ressaltar que é disponibilizado pelo Ministério do Esporte um kit de material esportivo² para cada núcleo juntamente com o reforço alimentar diário³ para os beneficiados, considerando a carência do público-alvo atendido.

Para o Ministério do Esporte, as atividades nos núcleos do PST devem ser educacionais. Seu objetivo é o desenvolvimento pleno dos beneficiados, trabalhando a consciência de seu corpo, descobrindo seus limites, explorando suas potencialidades, desenvolvendo seu espírito de solidariedade, de cooperação mútua e de respeito ao próximo. A intenção,

¹ Essa formação é característica do que o Ministério denomina de PST padrão, havendo outros formatos do PST em andamento (PST para Pessoa com Deficiência, PST Universitário). No entanto, como o foco desta pesquisa é estudar os núcleos do PST existentes em Cuiabá, portanto, formato padrão, não apresentaremos as especificidades dos demais projetos.

² O kit de material deve ser composto por: bolas de basquete, futebol, futsal, handebol, voleibol, borracha; redes de basquete, futebol, futsal, handebol e voleibol; cones médio e grande; bomba e bico de encher bola; bambolê; saco para transportar material; corda coletiva e individual; jogos de: dominó, taco, frescobol; peteca; kit mini-traves de futebol; colete; cadeado; caixa plástica com tampa para acondicionar o material. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

³ “Esta ação tem como preço máximo unitário o valor de R\$ 1,00, estabelecido pelo Ministério do Esporte, por meio da Portaria N° 230, de 13 de dezembro de 2007 e suas alterações”. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010, p. 27, grifos do autor).

portanto, não é substituir as aulas do componente curricular Educação Física, principalmente no tocante ao conteúdo esporte, nem formar atletas a partir de um programa de especialização esportiva precoce. Dessa forma, subentende-se como possível a coexistência de ambos.

Compreendendo a indisciplina

A indisciplina parte de um comportamento que viola os hábitos sociais estabelecidos como naturais pela escola, perturbando a comunicação, o rendimento do aluno e do professor e as relações humanas (SANTOS ET AL., 2008). Carita e Fernandes (1997 apud SILVA; NEVES, 2004) afirmam inclusive que a indisciplina pode transtornar os professores emocionalmente, mais até do que os próprios problemas de aprendizagem com que têm de se confrontar.

Segundo Simon (2008) a disciplina é compreendida como comportamento ou conduta e está relacionada com as noções de controle sobre a conduta e o castigo. Assim, a indisciplina também deriva dessa compreensão, sendo entendida de várias maneiras, de acordo com o contexto social e histórico, sendo a transposição dos limites de uma noção de comportamento e a tentativa de desvinculação de uma autoridade.

Darido e Oliveira (2009) apontam que a indisciplina está envolvida por uma série de aspectos. Um deles é a dificuldade que muitos pais enfrentam em impor limites aos filhos – na maioria dos casos, por não ficarem tempo suficiente com eles e, quando os vêem, preferem não discutir, ou porque são pais inexperientes e não sabem como agir – ou ainda pela própria desestruturação da “sociedade família” – é comum o aluno viver um dilema no seio familiar com seus pais ou irmãos envolvidos com drogas, marginalidade ou até mesmo a falta de carinho.

Os autores ressaltam ainda a crise atual de valores, sobretudo com a influência da mídia. As tecnologias, como televisão, rádio, jornal, revista, jogos de computadores e de videogames e a própria internet interferem diretamente na percepção das crianças, adolescentes e jovens sobre si, o mundo e o outro, em que vale mais a aparência do que o que realmente se é.

A mídia vai além de uma fonte básica de lazer, tratando-se de um lugar extremamente poderoso à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações relacionadas a um aprendizado sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, entre outros. A televisão, em especial, participa diretamente na formação do jovem, sugerindo, estimulando e delineando determinadas formas de existência coletiva ou da relação consigo mesmo e com o outro (FISHER, 2002, p. 153-154).

La Taille (1996) afirma que a indisciplina pode ser compreendida de duas maneiras: revolta contra o conjunto de normas da disciplina e desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina é interpretada por uma forma de desobediência consciente, pois o seu autor é conhecedor de todas as normas, mas mesmo assim não as cumpre. O segundo caso verifica-se quando o seu autor não conhece as regras estabelecidas, manifestando bagunça nas aulas, falta de limites, desrespeito às autoridades, aos colegas de sala e as instituições escolares.

Além disso, Amado (1998 apud SILVA; NEVES, 2004) considera existirem três níveis de indisciplina, que após possíveis represálias sempre se intensificam, culminando em uma menor harmonia na relação professor-aluno:

- Nível 1: desvios às regras de produção – quando o aluno prejudica o bom funcionamento da aula. Exemplo: o aluno tem dificuldades em fazer as atividades propostas, não as realiza e também não permite que os demais as realizem, atrapalhando o rendimento de toda a turma.

- Nível 2: conflito interpares – diz respeito às dificuldades de relacionamento entre os alunos, podendo ser considerado também como “violência”. Exemplo: Desrespeito ao colega por meio de agressão verbal e física.

- Nível 3: conflitos da relação professor-aluno – situações em que os alunos põem em causa a autoridade e o estatuto do professor, envolvendo também a violência e o vandalismo contra a propriedade da escola. Exemplo: quando o aluno desrespeita ou ameaça o professor.

Indisciplina é sempre uma ação inadequada (desobedecer, desrespeitar, agredir, dentre outros), seja na família, no esporte ou na escola. Contudo, não existem receitas prontas e acabadas para solucionar o problema:

O mais importante para lidar com a questão da indisciplina é o professor definir, em conjunto com os alunos, as regras de convivência que serão utilizadas a partir do não cumprimento das regras. Tão importante quanto à definição das regras é apresentar razões pelas quais estão sendo colocadas, ou seja, expor os princípios das regras. (DARIDO; OLIVEIRA, 2009, p. 220)

Alves, Silva, Silva e Rosa Filho (2009) destacam que a disciplina deve ser vivenciada e apropriada como um valor, pois é uma qualidade humana, sendo importante para as relações interpessoais.

Por fim, Aquino (1996) conclui que não há fórmulas para se resolver o problema da indisciplina, o educador encontrará soluções no dia a dia em sala de aula, em sua relação com o aluno e através das ações que a escola promover.

A partir dessas considerações surgiu a seguinte indagação: como coordenadores e monitores de núcleos do Programa Segundo Tempo lidam com a indisciplina durante as aulas?

No sentido de encontrar uma resposta, tomou-se como objetivo desta pesquisa identificar como coordenadores e monitores de um programa esportivo social lidam com a indisciplina dos alunos durante as aulas.

Metodologia da Pesquisa

A metodologia adotada neste estudo é de caráter qualitativo, predominantemente descritiva, na medida em que o seu desenho e implementação teve como objetivo captar as perspectivas e as representações dos sujeitos participantes, por meio de um questionário misto (com predomínio de questões abertas).

Estudos de caráter descritivo pretendem descrever as características de certa população sem a interferência do pesquisador (GIL, 2008). E como não se utiliza de dados estatísticos, adota como método a abordagem qualitativa. (MARCONI; LAKATOS, 2000).

O universo da pesquisa constituiu-se por 15 núcleos do PST localizados em 15 escolas públicas municipais de Cuiabá, Mato Grosso.

Para selecionar os sujeitos da pesquisa adotamos a amostragem não probabilística intencional, que segundo Gil (2008, p. 94) “[...] consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população”.

Participaram desta pesquisa 13 coordenadores e 29 monitores de núcleos; em um núcleo um coordenador e um monitor não tomaram parte e em outro apenas um monitor contribuiu. Como explicitado anteriormente, cada núcleo do PST é constituído de 1 coordenador e 2 monitores.

Com a intenção de preservar o sigilo em relação à identidade das instituições, dos coordenadores e monitores, optou-se por não citar os nomes. Dessa forma, utilizar-se-ão nomes fictícios. Para facilitar a compreensão da análise dos dados, utilizaremos a seguinte apresentação: NÚCLEO A; COORDENADOR A1; MONITOR A1; MONITOR A2 e, assim sucessivamente.

Como instrumento de pesquisa adotou-se um questionário destinado aos coordenadores e monitores. O questionário aplicado com os coordenadores e monitores constituía-se de 4 questões abertas e 3 fechadas. Apenas a última pergunta do questionário se apresentou diferente para os sujeitos, sendo uma específica para os coordenadores e outra para os monitores. A adoção de mais questões abertas que fechadas pautou-se nos estudos de Gil (2008), que afirma que esse tipo de questão permite a não exposição do participante da pesquisa à influência de opiniões, garantindo respostas compatíveis com a realidade estudada.

Na coleta de dados, primeiramente, entregamos uma carta de apresentação para a direção da escola, buscando a autorização de acesso

às instituições. Após a autorização, entregamos aos coordenadores e monitores do PST uma carta de apresentação, um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o questionário para que fosse preenchido sem qualquer interferência de nossa parte.

Após a coleta de dados iniciamos a análise que se deu a partir da técnica de codificação, proposta por Bogdan e Biklen (1994), que se caracteriza pelo agrupamento de palavras, frases, formas de comportamento, maneiras como os sujeitos pensam e fatos que se repetem ou se destacam nas respostas dos participantes do estudo.

Para os autores, o sistema de codificação envolve uma leitura cuidadosa em busca de regularidade, padrões e tópicos nos dados coletados, representados por palavras ou frases.

Nessa análise,

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representem estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são *categorias de codificação*. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...] de forma a que o material contido em determinado tópico possa ser fisicamente apartado de todos dados. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 221).

Apresentação e Análise dos Dados

Na **questão 1**, perguntamos aos coordenadores e monitores o que entendem por indisciplina. Apresentamos as respostas codificadas, ressaltando que tais números não devem ser somados, tendo em vista a possibilidade de obter mais de um conceito/ entendimento sobre o assunto numa única resposta.

TABELA 1 – Entendimento dos coordenadores de núcleo sobre indisciplina

MANIFESTAÇÕES DOS COORDENADORES	FREQUÊNCIA
Quebra das regras estabelecidas	9
Falta de respeito	3
Falta de vontade de aprender	3
Realização de gestos ou pronuncia de palavras obscenas	2
Falta de limites	1
Procedimento contrário à disciplina	1

Fonte: Construção dos autores

Observamos que 47,37% dos coordenadores responderam que a indisciplina é a quebra das regras estabelecidas, 15,79% responderam que é a falta de respeito, 15,79% que é a falta de vontade de aprender, 10,53% disseram que é realizar gestos ou proferir palavras obscenas, 5,26% falta de limites e 5,26% procedimento contrário à disciplina.

TABELA 2 – Entendimento dos monitores de núcleo sobre indisciplina

MANIFESTAÇÕES DOS MONITORES	FREQUÊNCIA
Quebra das regras estabelecidas	10
Falta de respeito com o professor	5
Maneira como o aluno demonstra falta de educação	5
Agressão verbal ou manifestação de gestos obscenos	5
Desobediência	4
Brigas	2
Elevação de tom de voz com o colega	1
Falar em horários impróprios	1
Falta de vontade em realizar as tarefas	1

Fonte: Construção dos autores

No caso dos monitores, 29,41% responderam que a indisciplina é a quebra de regras estabelecidas, 14,71% que é faltar com respeito ao professor, 14,71% a maneira com que o aluno demonstra falta de educação, 14,71% agredir verbalmente ou manifestar gestos obscenos,

11,76% ser desobediente, 5,88% disseram que é brigar, 2,94% elevar tom de voz com os colegas, 2,94% falar alto com os colegas e 2,94% não ter vontade de fazer as tarefas.

Observamos que em relação ao conceito da indisciplina, tanto coordenadores quanto monitores responderam a essa questão citando exemplos e não conceituando o termo, o que indica que a indisciplina não é definida ou compreendida a partir de um conceito específico, único, formal. Sobre isso, La Taille et al (1996 apud FERREIRA, 2010) afirmam que a indisciplina é uma formação cultural mostrando diversas características e cada vez mais complicadas, não sendo, portanto, reputada como um conceito uniforme e estático.

Para o autor, a indisciplina é a transposição dos limites de comportamento aceito num determinado grupo, bem como de desvinculação da autoridade. Assim, o que coordenadores e monitores consideram como quebra de regras, falta de educação e respeito (com professor e/ ou colegas), falta de limites no comportamento, agressões físicas ou verbais, desobediência, brigas, dentro do contexto em que atuam, pode, de fato, ser considerado indisciplina.

Na **questão 2** perguntamos aos coordenadores e monitores se eles identificam a indisciplina durante as aulas do PST, havendo duas opções para resposta: sim e não. Assim, verificamos que 11 coordenadores responderam “Sim”, 01 respondeu “Não” e 01 não respondeu. No caso dos monitores, 27 responderam que identificam a indisciplina durante as aulas do PST e 02 assinalaram que “Não”.

Na sequência da questão anterior, na **questão 3**, solicitamos aos coordenadores e monitores que descrevessem, ao menos, 05 situações que ocorrem nas aulas do PST em que a indisciplina está presente. Por ser uma questão aberta, também adotamos a técnica de codificação.

TABELA 3 – Formas de manifestação de indisciplina nas aulas na visão dos coordenadores de núcleo

MANIFESTAÇÕES DOS COORDENADORES	FREQUÊNCIA
Brigar com os colegas	13
Não obedecer ao professor	6
Realizar gestos ou proferir palavras obscenas	5
Gritar ou falar em horários inadequados	4
Não respeitar as regras	4
Depredar bens públicos	2
Recusar-se a participar das atividades, só fazendo o que quer	2
Não respeitar os funcionários da escola	1

Fonte: Construção dos autores

Do total de situações apresentadas, 35,14% dos coordenadores identificam como situação de indisciplina nas aulas do PST as brigas com os colegas, 16,22% não obedecer ao professor, 13,51% realizar gestos ou proferir palavras obscenas, 10,81% gritar ou falar em horários inadequados, 10,81% não respeitar as regras, 5,41% depredar bens públicos, 5,41%, recusar-se a participar das atividades, só fazendo o que quer, 2,70% não respeitar os funcionários da escola.

TABELA 4 – Formas de manifestação de indisciplina nas aulas na visão dos monitores de núcleo

MANIFESTAÇÕES DOS MONITORES	FREQUÊNCIA
Brigar com os colegas	23
Desrespeitar o professor	19
Realizar gestos ou proferir palavras obscenas	17
Recusar-se a participar das atividades, só fazendo o que quer	12
Falar em momentos inadequados	4
Ser individualista, pensando apenas em si mesmo	3
Ter mau comportamento	3
Fazer brincadeiras desagradáveis	2
Levar armas para a escola	2
Fumar na escola	1
Não aceitar as regras	1
Ter preconceito	1

Fonte: Construção dos autores

Para os monitores, as situações caracterizadas como indisciplina nas aulas são: brigar com os colegas – 26,14%, desrespeitar o professor – 21,59%, realizar gestos ou proferir palavras obscenas – 19,32%, recusar-se a participar das atividades, só fazendo o que quer – 13,64%, falar em horário inadequado – 4,55%, ser individualista, pensando apenas em si mesmo – 3,41%, ter mau comportamento – 3,41%, levar armas para a escola – 2,27%, fazer brincadeiras desagradáveis – 2,27%, fumar na escola – 1,14%, ter preconceito – 1,14%, não aceitar as regras – 1,14%.

Nessa questão identificamos que, tanto os coordenadores quanto os monitores, responderam de forma semelhante às manifestações de indisciplina que presenciam, sendo as mais citadas, as brigas com os colegas, o desrespeito ao professor e a realização de gestos ou palavras obscenas.

Dessa forma, se confirma o que afirmam Santos et al. (2008, p. 117-118), ao considerarem que:

Um dos problemas que mais afligem os educadores atualmente é o da indisciplina dos alunos, na medida em que aumentam os atos de agressão, violência, depredação e desrespeito. Embora seja constantemente mencionada, atingindo, às vezes, níveis alarmantes, a indisciplina no sistema escolar não possui um diagnóstico simples e as propostas de solução estão longe de serem alcançadas.

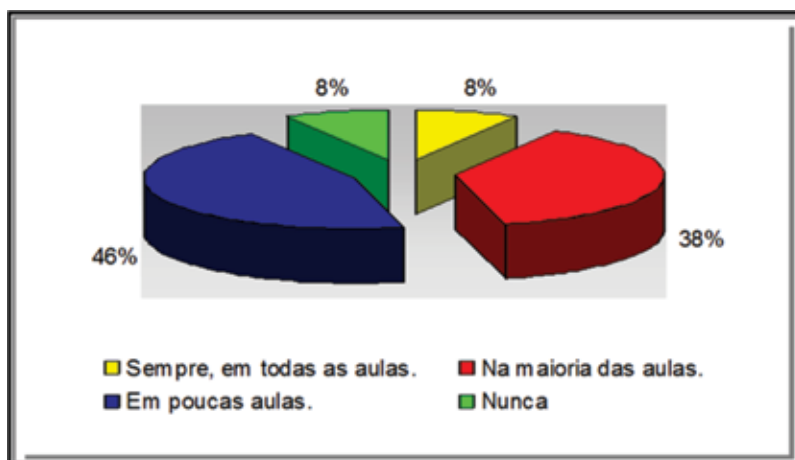
Também, Alves, Silva, Silva e Rosa Filho (2009) sugerem que a disciplina deve ser vivenciada e apropriada como um valor, por se caracterizar como um elemento de extrema importância nas relações humanas. Ou seja, a indisciplina precisa ser “combatida” tendo a disciplina como um valor humano.

Destacamos ainda o que Amado (1998 apud SILVA; NEVES, 2004) denomina três níveis de indisciplina. Assim, infelizmente, observamos todos os níveis indicados pelo referido autor estão presentes nas respostas de coordenadores e monitores, tais como os desvios às regras de produção (gritar ou falar em momentos inadequados, desrespeitar as regras, recusar-

se a participar das atividades); conflito interpares (brigas entre colegas, proferir ou realizar gestos obscenos); conflitos da relação professor-aluno (não respeitar e desobedecer o professor, deprestar bem público).

Na **questão 4**, coordenadores e monitores foram questionados sobre a frequência com a qual se deparam com a indisciplina nas aulas do PST, havendo 4 opções como resposta: sempre, em todas as aulas; na maioria das aulas; em poucas aulas; nunca.

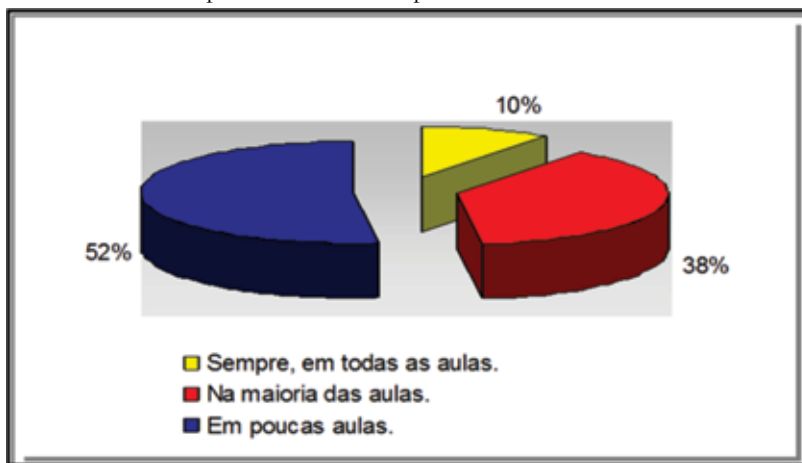
FIGURA 1 – Frequência com a qual os coordenadores se deparam com a indisciplina nas aulas do PST



Fonte: Construção dos autores

A Figura 1 apresenta que 46% dos coordenadores afirmam que a indisciplina se manifesta em poucas aulas, 38% responderam que a mesma ocorre na maioria das aulas, 8% responderam sempre, em todas as aulas e outros 8% disseram que não ocorre manifestação de indisciplina nas aulas.

FIGURA 2 – Frequência com a qual os monitores se deparam com a indisciplina nas aulas do PST



Fonte: Construção dos autores

Já no caso dos monitores, 52% responderam que a indisciplina ocorre em poucas aulas, 38% responderam que a mesma se manifesta na maioria das aulas, 10% afirmaram que sempre, em todas as aulas existe indisciplina e nenhum deles respondeu a alternativa “nunca”.

Ao somarmos os itens “sempre, em todas as aulas” e “na maioria das aulas”, identificamos que 46% dos coordenadores e 48% dos monitores disseram que se deparam com a indisciplina durante as aulas, dados preocupantes, pois em quase metade das aulas a indisciplina está presente.

Assim, entende-se que não basta identificar a existência da indisciplina, mas como lidar com ela.

O problema da indisciplina é, efectivamente, um fenómeno complexo que não só se manifesta dos mais diversos modos e graus de intensidade como tem subjacente múltiplos factores, uns de ordem social, familiar e pessoal e outros de ordem escolar. (SILVA; NEVES, 2004, p. 2).

Para tanto, na **questão 5**, a intenção foi identificar como os coordenadores e monitores lidam com a indisciplina dos alunos durante as aulas do PST. Por se tratar de uma questão aberta, também adotamos a técnica de codificação.

TABELA 5 – Como os coordenadores de núcleo lidam com a indisciplina no PST

MANIFESTAÇÕES DOS COORDENADORES	FREQUÊNCIA
Com diálogo	11
Advertência no livro de ocorrências	5
Aplicação de punições, quando necessário	2
Convocação e conversa com os pais	2
Suspensão da atividade que está sendo realizada	1

Fonte: Construção dos autores

Na Tabela 5 verificamos que 52,38% dos coordenadores responderam que lidam com a indisciplina a partir do diálogo, 23,81% impõem advertência em livro de ocorrências, 9,52% aplicam punições, quando necessário (exemplo: a não participação de atividades e em passeios), 9,52% agem a partir da convocação e conversa com os pais e 4,76% suspendem a atividade que está sendo realizada.

TABELA 6 – Como os monitores de núcleo lidam com a indisciplina no PST

MANIFESTAÇÕES DOS MONITORES	FREQUÊNCIA
Com diálogo	21
De acordo com as orientações do coordenador do PST	5
Estabelece regras	2
Aplicação de punições, quando necessário	1
Confronta-se com o aluno	1
Convocação e conversa com os pais	1
Conduz o aluno à coordenação da escola	1

Fonte: Construção dos autores

Já na Tabela 6 identificamos que 65,63% dos monitores preferem dialogar com os alunos, 15,63% agem de acordo com as orientações do coordenador do PST, 6,25% estabelecem regras, 3,13% aplicam punições, quando necessário (exemplo: deixa o aluno algum tempo sem participar das aulas), 3,13% levam o aluno para a coordenação, 3,13% convocam e conversam com os pais, 3,13% confrontam-se com o aluno.

Nessa questão percebemos que tanto coordenadores quanto monitores preferem dialogar com os alunos a respeito de suas atitudes com relação à indisciplina, o que pode ser minimizado com a participação e presença da família no desenvolvimento das atividades, estabelecendo uma relação de confiança, para que juntos possam cumprir um importante papel na formação do aluno. Contudo, a presença dos pais na resolução dos problemas não se apresenta da forma indicada, visto que apenas 9,52% dos coordenadores e 3,13% dos monitores afirmam estabelecer conversa com os pais.

Por não existir uma fórmula pronta de disciplina, é fundamental que todos os atores escolares se apresentem como partícipes do processo de construção da disciplina na escola.

Dessa forma, o professor deve estabelecer com os alunos um conjunto de normas de convivência, discutindo porque cada uma delas deve ser seguida (DARIDO; OLIVEIRA, 2009), o que se pressupõe, facilitará a convivência no grupo.

Por fim, cabe destacar, que os resultados apresentados nessa questão vão ao encontro do que Aquino (1996) afirma, ou seja, não existem fórmulas prontas para solucionar o problema da indisciplina. É no dia a dia que as soluções surgirão, na relação professor/aluno e aluno/aluno. O mais importante é que o professor entenda sua importância e tenha predisposição para esse enfrentamento.

Na **questão 6**, perguntamos se os coordenadores e monitores se sentiam preparados para lidar com a indisciplina, havendo três opções para resposta: sim, não e parcialmente. No caso dos coordenadores, 8 responderam que sim, 3 responderam parcialmente e 2 não responderam

essa questão. Dos 29 monitores que responderam a essa questão, 15 assinalaram sim e 13 parcialmente, sendo que 1 não respondeu.

Identificamos que grande parte dos coordenadores e monitores responderam que se sentem preparados para lidar com a indisciplina dos alunos, mesmo com todas as situações citadas na questão 3 e nas formas de combate à indisciplina, questão 5.

Retomamos as ideias de Aquino (1996), quando afirma que não existe uma fórmula pronta para lidar com a indisciplina, sendo que esta se constrói no cotidiano da intervenção profissional.

Mesmo não sendo o foco deste estudo, mas como ponto para reflexão, indagamos: será que o processo de formação profissional de coordenadores e monitores oferece elementos para uma intervenção profissional atenta aos problemas da indisciplina? Será que as discussões de didática e metodologias de ensino se ocupam da questão da indisciplina?

Na **questão 7**, destinada aos coordenadores, perguntamos se estes auxiliam o monitor de alguma forma a lidar com a indisciplina, havendo três opções para resposta: sim, não e parcialmente. Caso a resposta fosse afirmativa, o coordenador deveria descrever a maneira como ocorre esse auxílio.

Do total de 13 coordenadores, 02 não responderam a questão e 11 responderam “sim”. Vale destacar que coordenadores apresentaram mais do que uma estratégia de auxílio aos monitores.

TABELA 7 – Estratégias que os coordenadores adotam para auxiliar os monitores a lidarem com a indisciplina dos alunos nas aulas do PST

MANIFESTAÇÕES DOS COORDENADORES	FREQUÊNCIA
Conversa	11
Propõem atividades com objetivos de diminuir a indisciplina	3
Diagnostica a causa da indisciplina	1
Suspensão da aula	1
Suspensão de passeio	1

Fonte: Construção dos autores

Entre as formas de auxílio, 64,71% dos coordenadores responderam que o fazem a partir do diálogo, 17,65% propõem atividades que tenham o objetivo de diminuir a indisciplina (exemplo: fixar painel de comportamento da turma na parede; verde, bom comportamento e, vermelho, indisciplina), 5,88% diagnosticam a causa da indisciplina, 5,88% suspendem a aula e 5,88% suspendem o passeio.

Assim, na **questão 7**, destinada aos monitores, perguntamos se os coordenadores os auxiliam de alguma forma a lidar com a indisciplina, no mesmo formato da questão apresentada e analisada anteriormente, sendo que 27 assinalaram a opção “sim”, 1 marcou a opção “não” e 1 não respondeu a essa questão. Na descrição da maneira como ocorre esse auxílio, identificamos as respostas a seguir:

TABELA 8 – Estratégias que os coordenadores adotam para auxiliar os monitores a lidarem com a indisciplina dos alunos nas aulas do PST, na visão dos monitores

MANIFESTAÇÕES DOS MONITORES	FREQUÊNCIA
Conversa	13
Levam os alunos para diretoria/ coordenação quando necessário	4
Reunião com os monitores	4
Auxiliando nas atividades e no controle dos alunos	4
Reunião com os pais	2
Advertindo os alunos quando necessário	1
Suspendendo as aulas	1

Fonte: Construção dos autores

Para 44,83% dos monitores, os coordenadores auxiliam a partir do diálogo, 13,79% apontam que os coordenadores levam os alunos para diretoria/ coordenação quando necessário, para 13,79% os coordenadores promovem reuniões com monitores, 13,79% afirmam que os coordenadores auxiliam nas atividades e no controle dos alunos, para 6,9% os coordenadores promovem reuniões com os pais, para 3,45% eles advertem os alunos quando necessário e para outros 3,45% os coordenadores chegam até a suspender as aulas quando necessário.

Notamos que das respostas obtidas, o diálogo sobressaiu tanto para os coordenadores (64,71%) quanto para os monitores (44,83%). Entendemos que estas respostas estão de acordo com Tomás e Souza (2010, p. 1) quando afirmam:

É por meio do diálogo que acontecem os processos de internalização de significados construídos histórico e culturalmente, pois representa as possibilidades de trocas de experiências e de construção de conhecimentos. Pelo diálogo o indivíduo incorpora elementos da cultura presentes no seu grupo social. Assim, no contexto educacional, ele pode ser compreendido como um instrumento pedagógico na medida em que, por meio dele, novos significados são constituídos na relação entre professores.

Contudo, o mais importante foi identificar, tanto por parte de coordenadores como de monitores a presença de alguma forma de auxílio do mais experiente (coordenador) para com o menos experiente (monitor). Assim, a solução dos problemas da indisciplina pode ocorrer de forma menos conflituosa (entre coordenadores, monitores e alunos), com as relações profissionais dos envolvidos, que poderão, como identificado anteriormente, “trazer” para o ambiente de ensino, a presença dos pais, o que pode ser uma opção significativa para solucionar o problema da indisciplina.

Considerações Finais

A indisciplina, compreendida e manifestada de forma mais veemente como a quebra de regras estabelecidas, na visão de coordenadores e monitores de núcleo do PST, também se faz presente a partir da agressão física e verbal e da pronúncia de palavras e gestos obscenos.

Situações como essas comprometem o desenvolvimento das atividades; por sua vez, a estratégia mais comum utilizada pelos coordenadores e monitores, é o diálogo.

É fundamental que os profissionais envolvidos entendam a importância de seu papel no embate com a indisciplina, definindo conjuntamente com os alunos regras, normas, formas de comportamento durante as aulas, o que pode ser determinante na mudança do comportamento social das crianças, tornando-as mais tolerantes, compreensivas, solidárias, cooperativas, solucionando problemas de forma não conflituosas. Enfim, ações que combatam a indisciplina podem favorecer que as crianças identifiquem possibilidades de convivência humana saudável, não apenas no âmbito dos núcleos, mas em todos os ambientes sociais em que convivem.

Entendemos, porém, que sendo o PST um programa de iniciativa governamental que pretende modificar a realidade local, este se configura como um espaço para combater as diversas situações de risco social, aos efeitos prejudiciais da violência, os desajustes familiares, a falta de afeto, dentre outros elementos que atentam contra a dignidade humana (MELO; DIAS, 2009), e que portanto, deve enfrentar a indisciplina de maneira a melhorar a ambiência do local em que as atividades ocorrem. Assim, pressupomos que um processo de formação de pessoal que permita que coordenadores e monitores reconheçam seu papel diante de tal fenômeno, pode auxiliar na minimização da indisciplina.

Referências

ALVES, Anne Meire Souza; SILVA, Luciana Rocha de Lima Machado da; SILVA, Mara Andrea; ROSA FILHO, Arthur. A indisciplina na sala de aula: um estudo comparativo de duas salas de aula do ciclo I das redes pública e privada de São José dos Campos, SP, **Anais XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. Universidade do Vale do Paraíba, 2009. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0235_0219_01.pdf>.

AQUINO, Júlio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Procedimentos metodológicos para o Programa Segundo Tempo: as regras, os combinados e a indisciplina dos alunos. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de.; PERIM, Gianna Lepre. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá, Eduem, 2009.

FERREIRA, Adriana Martins. A Gênese da indisciplina na relação professor-aluno. **Anais IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 2010. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1899_1921.pdf>.

FILGUEIRA, Júlio; PERIM, Gianna Lepre; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Apresentação. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de.; PERIM, Gianna Lepre. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá, Eduem, 2009.

FISHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista educação e pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

GAYA, Adroaldo. Programa Segundo Tempo: introdução. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de.; PERIM, Gianna Lepre. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**. Maringá: Eduem, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

MARCONI, Marina de; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MELO, José Pereira de; DIAS, João Carlos Neves de Souza e Nunes. Fundamentos do Programa Segundo Tempo: entrelaçamentos do esporte, do desenvolvimento humano, da cultura e da educação. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. (Org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá, Eduem, 2009.

Ministério do Esporte. **Estrutura do Programa Segundo Tempo**. 2010. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snee/segundoTempo/projetoPadrao.pdf>>.

SANTOS, Ivan Luis dos; RODRIGUES, Heitor de Andrade; FUZZI, Fábio Tomio; OLIVEIRA, Ricardo Simões de; OLIVEIRA, Mateus Kerr de; PELUQUI, Daniela Fernanda; DARIDO, Suraya Cristina. As percepções e os significados para os estagiários de educação física em relação à indisciplina na escola. **Movimento**, v. 14, n. 3, p. 113-137, 2008.

SILVA, Maria Preciosa; NEVES, Isabel Pestana. O que leva os alunos a serem (in) disciplinados? uma análise sociológica centrada em contextos diferenciados de interação pedagógica. **Revista de educação**, vol. 12, n. 2, p. 37-57, 2004.

SIMON, Ingrid. **Indisciplina escolar e autoridade docente**. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2008. Disponível em <http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=209>.

TOMÁS, Débora Nogueira; SOUZA, Claudia Silva de. **O espaço escolar e o diálogo entre professores e adolescentes**. 2010. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/596.%20o%20espa%C7o%20escolar%20e%20o%20di%C1logo%20entre%20professores%20e%20adolescentes.pdf>.

Ariadne Regina Amorim Baicere

Centro Universitário de Várzea Grande – Brasil
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Práticas
Pedagógicas da FEF/UFMT
E-mail: ariadnebaicere10@hotmail.com

Ms. Raquel Stoilov Pereira

Centro Universitário de Várzea Grande – Brasil
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Práticas
Pedagógicas da FEF/UFMT
E-mail: stoquel@uol.com.br

Dr. Evando Carlos Moreira

Universidade Federal de Mato Grosso - Brasil
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Práticas
Pedagógicas da FEF/UFMT
E-mail: ecmmoreira@uol.com.br

Recebido em: 1º de dezembro de 2015
Aprovado em: 12 de fevereiro de 2016